



## ANTÓNIO HENRIQUE MONTOITO DE OLIVEIRA

António Henrique Montoito de Oliveira [por alcunha “Mas”] nasceu, na Ericeira, a 17 de Abril de 1942. É filho de Isaac Roberto Montoito de Oliveira, pescador e peixeiro, «Fazia as duas coisas», e de Maria de Jesus da Silva Montoito, doméstica e peixeira. Tem dois irmãos – Maria Natália Montoito de Oliveira e José Dário Montoito de Oliveira. Aos dez anos, fez com sucesso o exame da quarta classe com os Professores Carvalhão e “Miss Macaca” [Maria da Conceição Figueiredo]. Saiu da escola e até aos dezasseis anos andava a jogar à bola, engraxava sapatos, vendia jornais e ia levar a bagagem aos passageiros das camionetes de carreira. «Depois fui ao Belenenses onde estavam o Matateu, o Vicente, o Didi, o Rabi, o Depasse, etc. Estive lá vários dias porque eu mexia bem na bola. Eu fumava, o treinador topou e veio pôr-me a casa. Depois andei a jogar à bola por fora. Davam-me trinta paus, quarenta escudos por semana, nessa altura já tinha dezoito anos e eu aproveitava. Depois fui trabalhar com o electricista Ferreira, que já morreu, eu, o Victor Rui. Trabalhava nos elevadores do hotel. Estive aí até aos dezoito anos. Depois fui trabalhar de estucador para o Manuel Quintas. Ele tinha grandes estucadores. Tinha um muito bom, o Mota que era um artista, era um espectáculo, mas ele também bebia. E também eu! [Risos] Aguentei aí um “tempozito”, depois saí e fui dar o nome à tropa a Mafra.

Em 1963, montei os primeiros paus de electricidade ao pé do Hotel da Ericeira. Dali sai para ingressar na tropa nas Caldas da Rainha», como praça, no RI-5, em 4 de Maio do mesmo ano. Em 7 de Julho de 1963, foi transferido para o RAL1, na Encarnação, em Lisboa. «Em seguida, fui para S. Margarida. Eu estava de reforço. Saí e fui-me deitar. No dia seguinte tinha provas para cabo, os gajos estavam a tocar concertina, acordeão, com grandes bebedeiras e eu disse-lhes – Vocês, hoje, é até às tantas! Não me deixam descansar um bocadinho! Responderam-me – Vai-te embora, que quem manda aqui somos nós. Mande-os para o caralho! Foi aí que eu fiz mal.»

Segundo a caderneta militar este episódio desenrolou-se assim – Em 25 de Outubro de 1963, foi imposta a António Montoito a pena de dez dias de prisão disciplinar nos termos do artigo 192 do RDM porque «no dia 24 pelas 21h e 30m se ter permitido dirigir-se aos primeiros-cabos milicianos no intuito de os provocar tratando-os por tu, e ao ser advertido pelo sargento de dia a este Batalhão o ter ameaçado do que resultou necessária a intervenção do senhor Oficial de Dia perante que se mostrou incorrecto e insolente mantendo uma atitude insubordinada e repetindo ameaças contra os ditos graduados da sua conduta não apresentar atenuantes manifestando com ela propósito deliberado de provocações a seus legítimos superiores, agravada ainda por ter agido perante demais praças que com o seu mau exemplo incita à insubordinação infringiu os deveres 2º, 3º, 4º, 25º, 26º

do artigo 4º do RDM.» «Foi o meu melhor tempo de tropa, uma maravilha!» Em 25 de Maio de 1966, o registo do castigo foi anulado e cancelado.

Em 23 de Novembro de 1963, partiu de Lisboa no N/M “Niassa”, como voluntário, com destino à guarnição normal de Moçambique fazendo parte da Companhia CCS do Batalhão de Artilharia 562. Desembarcou em Lourenço Marques em 12 de Dezembro.

«Depois fui para Moçambique, para a Vila de António Enes. Era comer, beber e “traca na chicha”.

Em 1964, fizeram de mim um saltimbanco. Estive em Mocimboa da Praia, Fronteira, Quitarejo, Tete, fronteira da Zâmbia, Macuba, Chai, Macomia e na Ilha do Ivo, na Fortaleza de S. João Baptista. Eu era o carcereiro. Estive três meses a guardar prisioneiros. Punha e dispunha. Tínhamos lá a PIDE. Entretanto a PIDE estava a “amaranhar” muito. Eu revoltei aquilo tudo. Disse ao meu alferes – PIDE para um lado e tropa para o outro, se não isto vai tudo ao ar, já sabe como é que o pelotão é, olhe que não perdoa.

O alferes foi ter com o chefe da PIDE e disse-lhe – Os senhores só vêm interrogar e depois vão para a vila. Só entram aqui dentro para interrogar e mais nada, se não eles limpam-nos. O chefe da PIDE fez uma participação. Mal ele sabia que o General Carrasco, que estava nessa altura em Moçambique, lhe ia dizer – Esse soldado é que é dos bons! Eh, pá, a força que o homem me foi dar. Assim que eles entravam por ali dentro apresentavam – Está aqui o papel com as ordens. Porta fechada. Nós éramos os responsáveis. Não eram eles. Pusemos a PIDE na ordem. Foi um remédio santo.

O pelotão da nossa companhia foi para a Ilha do Ivo e nós fomos para António Enes. Tínhamos espólio a mais e fomos entregá-lo. O alferes disse-me – Você sabe que vai para o meu pelotão? O que é que o senhor quer dizer com isso? O gajo era “bicheta”. Respondeu-me – Ponha-se a pau? Retorqui-lhe – A pau põe-te tu! E se me tocas, tenho a certeza que não voltas a ver mais a tua família. O gajo calou-se logo. Mais tarde, tentou castigar-me porque já sabia que eu seria expulso da companhia para a XEFINA de Lourenço Marques. Mais tarde, veio provocar-me e eu dei-lhe logo. Foi logo. Depois arranjou isso à maneira dele. Quero dizer, eu tinha razão e fiquei mal. Fui preso.



O meu melhor tempo de tropa – XEFINA em Lourenço Marques

Depois houve um acidente em que morreram dez elementos da minha companhia. Eu tive sorte! Foi por excesso de confiança. Já vínhamos quase a entrar para dentro do quartel, os gajos lançam duas morteiradas. Eu estava mais adiantado e safei-me. O sargento Alves, que já morreu, tinha a barriga toda carregada com munições (balas) e disse-nos – Tu, tu e tu vamos embora. Pegou na secção dele e fomos apanhá-los. Eram dezassete. Fomos sempre aos ss. Apalpávamos o sítio no chão, isto está morno, sempre aos ss no rasto deles. A mim dava-me logo o cheiro deles. Fechámos. Estava tudo a dormir, que maravilha. Ordenámos que se pusessem em fila indiana, se não ia tudo de alto a baixo. Respondiam – Sim “sinhore”, sim “sinhore”. E eu dizia-lhes – Já vais levar o “sinhore”. Amarrámos uma corda ao pescoço e os braços atrás de cada um, e seguimos para o quartel. Os gajos tinham armas que eu nunca vi dentro do nosso exército. Armas do “Al Capone” de noventa e cinco balas. Armas de disco. Tinham costureiras. Depois começámos a utilizar essas armas. Aquilo era sempre a

disparar. Metemos os gajos amarrados atrás do “Unimog” e força! Viemos por ali a fora. Morreram, pronto!



Sobre os terroristas em Quitarejo

Uma vez foram dezassete miúdos com dezasseis, dezassete anos para Nampula. Atirámos para as pernas para faze-los prisioneiros. Custou-me muito, até me vieram as lágrimas aos olhos, quando vi que eram miúdos. Entretanto levaram os miúdos de helicóptero para Lourenço Marques, mas nós ficámos. As casas estavam situadas da parte de baixo e os miúdos disseram-nos que eles estavam da parte de baixo. Nós vimos logo. Fizemos de conta que vínhamos embora. Entrámos para dentro dos carros, regamos umas mexas com gasolina, atirámos para cima das palhotas. Aquilo ardeu tudo. Mandámos umas granadas bem aviadas lá para o meio e ouvia-se – Ai! Ai! Ai! Nós gritávamos – Andem cá para cima! E pumba, pumba. Não escapou nenhum. Limpámos tudo. Era a nossa zona. Nós queríamos a zona limpa. Os miúdos safaram-se. Trataram deles, aquelas coisas. Estive em Moçambique vinte e nove meses com o transporte incluído. Tinha vinte e oito meses de tropa e ainda estava no mato. O barco esteve à nossa espera na Beira. O meu pelotão não tinha sítio certo. Nós éramos saltimbancos. O sargento Alves era batido. Nunca saíamos de dia, era sempre de noite e apanhávamo-los com uma limpeza do “carago”. Éramos para ir tirar o curso de comandos a Angola. Tirei o curso de comandos em três dias na Beira, o Major, que não me lembro agora do nome, disse-nos – Podem ir-se embora que estão aptos. Depois, passei para Cabo Delgado. Tive sorte, não apanhei força de guerra, e ali era quase todos os dias, pumba, pumba, pumba. Correu bem.» Em 9 de Março de 1966, embarcou em Lourenço Marques de regresso à Metrópole. Desembarcou em Lisboa em 4 de Maio de 1966. «Quando regresssei fui tratar dos papéis para a marinha mercante.»

No mesmo ano, «casei aos 24 anos com Maria Raquel Machado Leandro Montoito de Oliveira, falecida. Tem uma filha, Ana Paula Leandro Montoito de Oliveira.



No dia do casamento

Em 7 de Novembro de 1967, inscreveu-se na capitania do Porto de Lisboa sendo-lhe atribuída a cédula marítima nº 231.1578. Em 12 de Dezembro foi admitido com a categoria de chegador.

«Só embarquei ao fim de um ano, em finais de 1967. Durante esse ano andei aqui ao mar na pesca artesanal na “Faneca”, no “Mar Lindo” e no “Toni Fernando” com o “Xico Porras” [Francisco Eurico Franco Alberto]. Andei também na pesca com o Rui Camarão, depois embarquei.

Falando o português correcto. Fui limpar merda para a casa da máquina. Fui de chegador. Eu era pano para toda a jorna dentro da casa da máquina. Fazia 8h, às vezes 14h, 16h com as avarias.»

Ainda em Novembro de 1967, António Montoito embarcou, de chegador, no “Sofala” (~ oito meses), no “Índia” (~ seis meses), no “Moçambique” («Andei cerca de um ano, na altura do arrombo, com o “Xico Zé” Valverde [Francisco José Valverde]. Era terceiro [piloto maquinista]. Esse homem era do melhor.») Os navios eram propriedade da “CNN”.

«O petroleiro estrangeiro vinha a sair a barra de Lisboa. Estava muita névoa. Nós vínhamos a entrar a barra no “Moçambique”. A culpa foi do navio português que não respondeu ao sinal do estrangeiro. Ele apanhou-nos pelo meio, atravessado. O “Moçambique” ficou aberto a meio, mas deu para chegar a Lisboa. Nós conseguimos estancar a entrada de água.

Andei no “Sofala”, foi o meu primeiro barco. As caldeiras eram de carvão, depois foram renovadas para nafta. As serpentinas aqueciam muito e, às vezes, duas e três vezes por quarto, tinha que limpar aquilo tudo a vapor. Ficava todo mascarado e tinha logo que ir tomar banho. Andei nesse barco oito meses. Na máquina andava de “calçãozinho” e tronco nu, pois fazia muito calor.

Depois fui para a “Soponata”<sup>1</sup> [Sociedade Portuguesa de Navios Tanques, S.A.]. Andei no “Fogo” (~ dez meses). Passados dois ou três anos tirei a carta de fogueiro na Capitania do Porto de Lisboa. Correu bem. Eu fiquei bem.»

Em 1 de Março de 1973, António Montoito fez exame para fogueiro na Capitania do Porto de Lisboa tendo ficado aprovado. A oito do mesmo mês, foi promovido a fogueiro. «Estive de férias e depois embarquei, queriam que eu voltasse ao “Fogo”, mas fui, de fogueiro, no “Gerês (~ seis meses, «fiz três viagens»).

«Tenho uma história gira sobre isso. Eu estava a tirar a carta para fogueiro. Já estava muito batido. Manuseava as válvulas todas e sabia as manobras e um rapaz cá da Ericeira, o “Tarzan”, que morreu a bordo do “Angoche”, pediu-me ajuda por que tinha o convés do barco da parte de dentro com a água quase a chegar ao motor e dizia que não era capaz de controlar a situação. Eu disse-lhe – Aguenta aí que eu vou ajudar-te. Só tenho que estar aqui de volta às duas horas [da tarde]. O “Austrália” estava ali perto. Cheguei lá, comecei a ver! Eu já vi! Este motor só arranca quando o óleo aquece com a electricidade. Eu vi logo! Olá! Dei ao manípulo e disse-lhe – Agora arranca lá com o motor. O gajo arrancou. Comecei a pôr as mãos, a apalpar as válvulas, tinha duas válvulas, a válvula do fundo, que dá para afundar e dá para sair pela borda fora, e foi isso que eu fiz. Disse-lhe – Vamos lá a ver se é! Eu ia abrindo devagarinho. Ele disse-me – É essa é! Está a sair água. Pensei – Então pronto! Abri a válvula. Passado um quarto de hora o barco estava esgotado. Disse-lhe – Já viste como é que é? Respondeu-me – Já sei.

Uma vez, fiquei cá de férias e fui andar com ele quinze dias no “Austrália” (embarcação de pesca artesanal), aquilo era um “barcalhão”! Andava eu, a mulher dele, o Isaías e era outro que não me lembro. E foi assim a minha vida.

Andei para Angola, Moçambique e Holanda. As viagens duravam dois meses, sem pôr os pés em terra. Íamos pelas Áfricas, para o Golfo da Pérsia, carregar petróleo. Andei oito anos na “Soponata”, era uma maravilha. Trabalhávamos bem, mas recebíamos bem.

Eu 1969, fazia uma viagem e “arrecebia” oito contos limpos. Tínhamos muitas horas. Quando eles tinham malta competente para trabalhar com ferramenta, eu era bom nisso, vinha o chefe da

---

<sup>1</sup>Foi fundada em 13 de Junho de 1947 pelas seguintes empresas: “Companhia Colonial de Navegação”, “Companhia Nacional de Navegação”, “Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes”, “Shell Company of Portugal, Ltd.”, “Socony, Vacuum Oil Company”, “Companhia Portuguesa dos Petróleos, Atlantic”, “Sociedade Nacional de Petróleos” (“Sonap”) e “Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos” (“Sacor”). Após 1974, a “Soponata” foi nacionalizada. Em 1993, a privatização fê-la regressar à mão dos seus antigos accionistas, o “Grupo José de Mello”, através das suas participações na “CNN” (“Companhia Nacional de Navegação”) e “Sociedade Geral de Indústria Comércio e Transportes, Lda.” Em 26 de Março de 2004, a “Soponata” foi vendida à empresa norte-americana “General Maritime”.

“Lisnave”, Luís Felipe, fazer assistência dois meses a bordo. Era aí que a gente ganhava bastante dinheirinho.

Uma vez, vínhamos a navegar para Lisboa a bordo do [navio tanque] “Fogo”. O navio estava carregado de petróleo. Saímos de Cape Town, onde nos abastecíamos de mantimentos. O abastecimento era feito com o navio sempre a navegar, não parava, era sempre a andar. Depois disso, eram umas oito horas da noite, o navio começou a perder pressão nas caldeiras. Tinha acabado de comer. Fui por ali abaixo. Dizia o pessoal – Estamos fod...! Perguntei – Mas o que é que se passa? O barro do isolamento interior das caldeiras tinha caído. Eu disse – A gente isola uma. Vamos andando ao pé-coxinho. Em dezasseis, dezassete horas a caldeira ficou pronta a trabalhar. Montámos as fornalhas, os queimadores e ficou a trabalhar. Ao fim de três horas fomos atacar a outra caldeira. Foi assim que eu consegui receber umas “coroas” boas pela parte de fora. Quando o navio chegou a Lisboa, quando chegámos a terra apareceu o chefe Luís Felipe da Lisnave, que já tinha trabalhado comigo e perguntou – Quem é que arranjou isto? A malta respondeu – Foi o fogueiro. Foi ver o trabalho. O Luís Felipe observou – Isto está impecável. Ele é um profissional, não é amador nenhum. O navio chegou só com duas horas de atraso. Daí comecei a criar fama, coisa e tal. Mais tarde, saí da companhia por que não me sentia bem.

Eu era o menino bonito a bordo do “Inago”. Um dia, o navio estava a meter “bancas”. Meter “bancas” é meter nafta, abastecimento de combustível. Nesse dia, tinha recebido uma carta da minha mulher e estava a lê-la. Eram oito horas, e eu saía de quarto às oito. Apareceu o paioleiro e perguntou-me – Então o que se passa? Respondi-lhe – Oh chefe, está tudo bem. São oito horas, agora vou descansar. Disse-me – Estavas deitado. Disse-lhe – Estava a ler a carta da minha mulher. A partir daí nunca mais me entendi com ele. Era “rabeta”. Quem andava a comê-lo era o primeiro. Eu nunca quis.

Certo dia, houve um incêndio no paiol. Eu disse para os meus dois colegas – Isto cheira-me a m.... Acusaram-me de ser o autor. Quando soou o alarme estava eu a jogar às cartas. Fomos todos por aí abaixo. Quando chegámos o paioleiro disse-nos – Já não é preciso. E disse-me – É proibido ir à máquina do leme. Eu perguntei-lhe – Mas o que é que se passa? Ele respondeu-me – Tantos fósforos! Pensei – Já estou lixado. Eu nessa altura fumava. Estes gajos vão acusar-me. Pareceu-me que aquilo tinha sido feito com as mexas de acender os queimadores, que davam fogo à nafta ou ao gasóleo. Não ardeu nada, era só fumo. Passou-se o tempo. Cheguei a Lisboa à noite e o navio ficou fundeado em Cabo Ruivo. No outro dia, quando vi a minha mulher de luto, pensei - O meu pai já morreu! Vou já para casa. Fui comunicar ao chefe que ia para casa porque o meu pai tinha morrido. E assim foi.

Na segunda-feira, quando cheguei a bordo tinha a minha mala mexida. Desconfiei que havia marosca. Passado horas, apareceu o chefe Parreirão da polícia marítima, que conhecia bem a Ericeira. Estive preso horas. Eu perguntei ao chefe da polícia marítima – Quero saber quem é que me mandou prender. Foi o comandante? Respondeu-me – Sim, foi o comandante. Então, agora você vai prender-me, porque eu já sei porque é que vou ser preso. Ele deu a ordem. Você vai prender-me e eu quero uma indemnização por este falso testemunho. O chefe dizia – É melhor ficar assim, porque depois isto vai dar muitas complicações. É preciso advogado e mais não sei o quê, e assim foi. Disse ao chefe – Tenho a minha mulher no meu camarote e quero ir almoçar com ela a um restaurante. Eu não fiz mal a ninguém. Aquilo era uma cambada de malandros. Disse-me – Então vá, mas esteja aqui às duas horas. Às duas da tarde tinha que estar na capitania. Às duas horas foi tudo resolvido. Disse ao polícia marítimo – Você veja bem. Ninguém pode aproveitar os meus fósforos porque eu deito-os dentro do balde que tem sempre água. As beatas vão para dentro do balde com água. Depois despejava o balde no lixo. Você foi ao meu camarote e viu que estava tudo dentro do balde com água. Respondeu-me – Vi sim senhor, mas dizem que foi você. Então vocês estão a acusar-me. Eu disse-lhe que não tinha sido eu. Como eu tinha os olhos muito abertos, o paioleiro estava com medo que eu lhe roubasse o lugar. Assim que vi o paioleiro da máquina, pensei – Foi este filho da p... Assim que o paioleiro entrou, agarrei-me ao gajo. Eu estava inocente. Nesse dia, não me atrapalhei. Disse-lhe – O primeiro tem umas contas a ajustar consigo, que só Deus sabe. Você está a querer lixar-me. O polícia disse – Isso, são contas deles. Por fim, o Parreirão

disse – Você provou bem a sua inocência. Eu fui lá ver aquilo e parece que foi feito como você diz com as mexas dos queimadores. O paioleiro e os meus dois colegas queriam lixar-me. E ficou assim.

Arranquei para a viagem. Um dia, até parece que foi Deus que me estava a guiar, eu vou à meia-nau e encontro o comandante sozinho e disse-lhe – Oiça, a sua mãe não tem culpa, mas você é um grande filho da p... Então, você manda-me prender, seu ordinário do “carago”. O gajo pirou-se. A boca dele não se abriu. Não se abriu! Assim que me via, fugia. É que se ele abrisse a boca estava logo arrumado. Era limpinho. Já estava prometido. Cheguei a Lisboa e desembarquei de livre vontade. Os oficiais da casa da máquina não queriam que eu me viesse embora, mas eu vim! Passado uma temporada, a companhia chamou-me, já eu tinha a carta de ajudante, mas à primeira vez fiquei mal. Chamaram-me para ir para bordo. Fui ver a tripulação, encontrei o chefe de máquinas e perguntei-lhe – O senhor é que vai de chefe? Disse-me que sim. Fiz mais quatro meses, depois a gente rendia-se aos três meses, de três em três meses. Vi a tripulação a entrar para dentro do navio e disse ao chefe – Vou-me embora. Disse-me – Não vais, não. Eu disse-lhe – Com aquele oficial, o tal primeiro, o “Ericeira” não alinha. Depois contei a história. Disse-me – Mas, você fica. Respondi – Não fico! Não! Disse-lhe – Gosto muito do chefe e do resto da tripulação, mas o “Ericeira” não vai. Ala! Cheguei à companhia e disse - Não alinhio com toda a gente! Apanhei raiva à “Soponata”! Estragaram-me a vida. E, resolvi sair, foi o melhor que fiz. Se não tivesse saído da “Soponata”, agora estava com trezentos contos de reforma.

Antes de 25 de Abril, ainda andei, de fogueiro, no “Erati” e voltei ao “Fogo”. Após o 25 de Abril embarcou, no “Jeci” (03.05.1975-28.07.1975), no “Ortins Bettencourt” (13.11.1975-16.11.1975) e no “Inago” (11.12.1975-23.12.1975). Andou, como bombeiro, no “Sacor” (02.04.1976-04.08.1976), como fogueiro, no “Marão” (09.02.1977-10.02.1977) e novamente como bombeiro, no “Angol” (21.09.1978-02.01.1979) e no “Bandim”. Navios tanques (petroleiros) utilizados no transporte de ramas de petróleo propriedade da “Soponata” e da “Sacor Marítima” (“Sacor, Angol” e “Bandim”). Depois fui para a “Cotandre”<sup>2</sup> [Sociedade Comercial Cotandre, Lda.]. Andei num paquete de passageiros para o México (Acapulco), América (S. Francisco, Los Angeles) e Canadá (Vancouver).

Em 27 de Novembro de 1980, fez exame na capitania do Porto de Lisboa para ajudante de motorista tendo sido considerado apto.

Embarcou como ajudante de motorista, no “Ponta Delgada” (12.04.1981-31.08.1981), no “Carvalho Araújo” (02.06.1982-30.06.1982) e no “Rio Cuanza” (21.01.1983-03.06.1983). Embarcou em Monróvia, como fogueiro, no “Slong” (25.02.1986-05.08.1986), de bandeira da Arábia Saudita, por intermédio da “Cotandre”. Andou, como ajudante de motorista, no “Miguel Corte Real” (30.01.1990-28.03.1990), no “Câmara Pestana” (31.03.1990-13.08.1990; 21.02.1992-27.06.1992; 15.02.1993-09.06.1993; 21.02.1994-28.05.1994; 09.12.1994-10.03.1995; e 16.09.1995-19.10.1995), no “Terceirense” (15.11.1990-20.03.1991; 09.10.1991-05.02.1992; 18.09.1992-18.01.1993; 14.09.1973-17.01.1994; 21.07.1994-27.10.1994; 21.04.1995-04.05.1995; 06.02.1996-10.04.1996; e 04.10.1996-24.01.1997), no “Atlantis” (22.05-1996-20.08.1996; 17.02.1997-16.05.1997; 07.11.1997-10.02.1998; e 12.02.1999-11.05.1999), no “Ponta S. Lourenço” (09.06.1997-10.08.1997; e 14.03.1998-23.06.1998) e no “Insular” (02.07.1998-16.10.1998).

«Uma vez, corri com um terceiro [piloto maquinista] da casa da máquina. Nós estávamos para sair, parece-me que às duas ou três da tarde. Íamos sair no nosso quarto. Eu tinha entrado ao meio-dia, e o segundo [piloto maquinista] disse-me – Oh, “Ericeira”, a gente está a fazer vácuo. Era para o vapor entrar mais rápido para as turbinas. O navio tinha turbinas a vapor com duas caldeiras. Eu respondi-lhe – Está bem. Fui ver o termóstato. Estava “porreiro”. Fui lá passado meia hora. Eh! Cara...! O que é que está para aqui!? Começou-me a dar o cheiro, por que dá o cheiro. Eh! Cara...! Disse ao terceiro – Olhe, chegue aqui abaixo se faz favor. Está a ver esta m.... Fui atrás dele e disse-lhe – Você não mexe aqui. Não mexe não. Disse-me – Vou já fazer queixa. Respondi-lhe – Vá já

---

<sup>2</sup>A empresa foi fundada em 1949, exercendo a actividade como agentes de navegação, de tripulações, de comércio internacional e de agentes transitários. Representa a “Radisson Seven Seas”, “V. Ships Leisure SAM”, “Princess Cruise Lines”, “Global River Cruises” e “Star Clipper’s”.

para o cara...! E foi! O chefe veio perguntar-me o que é que se tinha passado. Eu disse-lhe – Passou-se isto, assim, assim. Disse-me – Sim senhor. Depois disse ao terceiro – Eu já lhe tinha dito que o homem dava uns toques nisto. Não faça nada sem lhe dizer. Você está a abrir os olhos, ainda é novo. Como era terceiro não se queria rebaixar. É esse o mal! Eu limpei tanta m...! Ele que se fod....

Eu era um homem difícil de lidar, nunca dava o braço a torcer. Quando não tinha razão dava-me por vencido, mas quando tinha razão ninguém punha a mão encima, nem os chefes.

Andei a trabalhar com máquinas “MAN”, que eram boas máquinas. As manobras eram feitas a nafta, para não “comer” muito. A navegar a máquina trabalhava a gásóleo. As turbinas trabalhavam a vapor, produzido nas caldeiras.

Saiu a ordem para a gente se reformar aos 55 anos, mas eu reformei-me só aos 57. A companhia dava a oportunidade, a quem quisesse, de fazer férias. Fiz férias duas vezes e nunca mais fui.

Depois de sair da marinha mercante andei aqui à “pesca dos trezentos” no meu barco denominado “Rodrigo e Mas”. Rodrigo é o nome do meu neto. O barco era de cá. Era do “Fantoche” [Victor...]. Comprei-o por quinhentos contos. Tinha três equipas de turistas todas as semanas. Cada turista pagava cinco contos [5.000\$00]. Iam cinco ou seis de cada vez. Eu conhecia os pescueiros. Tinha aprendido com o “Xico Porras” e com a malta. Agora não custa nada. O GPS marca as coordenadas e leva-nos lá.

Em 2002, vendi o barco por oitocentos contos. Tive duas ameaças de trombose, na primeira não dei por nada, na segunda já notei. Estava a trabalhar com o “Casa Pia” na pintura. Depois de reformado andei a pintar alguns três ou quatro anos.»

Actualmente, António Montoito vive com um enfisema pulmonar. Vive e respira assistido constantemente por uma bomba respiratória. Durante a entrevista suspende a fala várias vezes para poder respirar ao ritmo imposto pelo ventilador. Gosta de ler livros de história e romances.

Em dias de bom tempo, António Montoito, equipado com a máscara, passeia o ventilador com um carrinho pelas ruas da Ericeira, algumas vezes, vigiado de perto pela sua extremosa mãe sempre preocupada com o seu menino.

Entrevistas feitas em sua casa, na Ericeira, em 02.11.2012 e 09.03.2013.

Francisco Esteves, Março 2013.